

**15/7/1986**

### **A INÚTIL TENTATIVA DE ACORDO**

Em entrevista ontem à Rádio Eldorado, a secretária estadual do Trabalho, Alda Marco Antonio, disse que tentou a conciliação em Leme. "Mas houve intransigência de parte a parte."

P — Doutora Alda, a senhora esteve nos últimos dias em Leme. Quais as impressões que a senhora trouxe daqueles acontecimentos?

ALDA — Eu estou acompanhando a movimentação dos trabalhadores rurais há três meses. Começamos com a região de Ribeirão Preto e depois com a região de Leme. Estabelecemos um plano de ação para essa safra de negociações. Estava correndo tudo muito bem, até que em seguida à assinatura do acordo coletivo os trabalhadores da região de Araras, que abrange também Leme, Mogi Guaçu, Mogi Mirim e Conchal, entraram em novas negociações.

P. — Quer dizer, houve um acordo entre o setor patronal e o setor trabalhista, nessa área da cana-de-açúcar e depois desse acordo o pessoal de Araras, especificamente, começou uma nova série de negociações?

ALDA — Exato. A classe patronal achava que esse acordo deveria ser respeitado "in totum". Mas esse acordo tem várias nuances. Hoje, por exemplo, nós estamos assistindo à volta dos trabalhadores ao campo. Essa greve durava dez dias para alguns canavieiros como, por exemplo, os de Araras e para outros durava menos. Os primeiros que entraram foram os de Mogi Guaçu e Mogi Mirim, que inclusive retornaram ao trabalho. Os de Leme foram os que entraram posteriormente. Nós estivemos lá várias vezes. O que eu sentia é que ambas as partes estavam muito duras, havia intransigência de parte a parte. Mas a gente não desiste, a gente continuava negociando, o ministro Almir Pazzianotto também entrou nas negociações. Nós não estávamos conseguindo melhorar as propostas.

P. — O que é que, de repente, transformou essa negociação trabalhista num conflito social e com perda de vidas humanas?

ALDA — Os trabalhadores começaram a fazer piquetes e a polícia local acompanhando. Os empresários solicitaram na Justiça um habeas-corpus preventivo para todos os trabalhadores que quisessem trabalhar e o juiz concedeu liminar, o que deu aos empresários a possibilidade de exigir do governo do Estado, da força pública, a proteção aos trabalhadores que queriam trabalhar. Acontece que houve algumas escaramuças entre os policiais da cidade e os piqueteiros, aconteceu inclusive apedrejamento de casas de policiais. Além disso havia queixas de dirigentes sindicais de que já haviam sido espancados, e já tinham feito queixas contra um policial da cidade, que teve a sua casa apedrejada.

P. — Quer dizer, nessa altura as cabeças vão ficando quentes devido a esses incidentes preliminares.

ALDA — Exatamente, já existia todo um clima preparado. E na sexta-feira, às 7h00 da manhã, fui imediatamente para Leme. Lá chegando, me reuni com a classe política local, convoquei o comandante a vir até a prefeitura e solicitei a ele uma descrição dos fatos. Segundo ele, estava escuro no local. Mas existia muita gente no piquete e a tropa de choque estava postada. Num dado momento, apareceu um ônibus com trabalhadores que queriam trabalhar, portanto, um ônibus destinado a furar o piquete, a atravessar o piquete. Dentro desse ônibus existiam quatro policiais e esse ônibus estava sendo comboiado por uma viatura. Segundo o relato do comandante, quando o ônibus tentava forçar a passagem pelo piquete foi atravessado por um

opala azul, que depois veio a ser identificado como um carro da Assembléia Legislativa. Nesse momento, quando o carro atravessou na frente do ônibus, o ônibus começou a ser apedrejado pelos piqueteiros. Segundo o relato do comandante e a primeira declaração do motorista do ônibus, deste Opala teriam saído disparos.

P. — De dentro do Opala?

ALDA — De dentro do Opala teriam saído disparos. Essa é a primeira versão. Aí diz ele que ninguém mais segurou, porque essa praça é atravessada por uma linha de trem e tem muitas pedras à disposição. Então os piqueteiros, municiados de pedras, começaram uma verdadeira batalha e a polícia fez uso de bombas de gás lacrimogêneo e, segundo as informações que tenho, a moça que faleceu estava a mais de 100 metros distante dos acontecimentos e existe uma versão de que ela foi atirada a uma distância de um metro. Eu acho essa versão extremamente grave. Tem que ser apurada com muito rigor, porque se ela estava fora dos acontecimentos, estava num ponto de ônibus ao lado e ela recebeu um tiro à queima-roupa, em crime foi uma chacina, Isso que aconteceu foi uma chacina.

Se esse fato for confirmado, caracteriza-se uma provocação e uma chacina que não pode ficar sem esclarecimentos; isso tem que ser esclarecido. O rapaz que morreu, segundo informações de sua própria esposa, não estava trabalhando, ele é um cortador de cana mas estava encostado na Caixa. Ele tinha cortado o pé há uma semana e estava se recuperando. Inclusive, ela acha que ele morreu porque não conseguiu correr, estava com o pé machucado. Mas ele tinha ido no local dos acontecimentos para ver, para assistir. Portanto, também não devia ser uma pessoa que estava no centro dos acontecimentos, no centro do piquete. As duas pessoas que morreram não eram pessoas envolvidas diretamente no acontecimento e estavam ali, uma para tomar o ônibus e ir para o emprego e a outra para assistir, segundo declarações de sua esposa.

P. — Agora, de qualquer maneira.

ALDA — Eu creio que sim.

P. — A polícia realmente atirou. Inclusive, pelo noticiário, até os próprios policiais admitiram que houve um tiroteio que veio da parte da polícia, não da tropa de choque, mas da outra que estava atrás da tropa de choque.

ALDA — Exatamente. É preciso esclarecer o seguinte: a tropa de choque não tem armas de fogo, rido porta armas de fogo, ela porta armas que lançam bombas de gás lacrimogêneo. Mas acontece que a polícia local estava junto e provavelmente armada. O que deve ter acontecido é que a polícia local deve ter atirado. Nós estamos aí com um quadro em que as greves estão (usando um termo dos sindicalistas) "pipocando" em todos os locais. Nós acompanhamos de dez a 12 greves por dia, na Secretaria do Trabalho. Achamos que temos esse papel, o governo tem esse papel de ajudar a moderar as negociações, a moderar as partes, a aproximar as partes. Acreditamos que as questões trabalhistas tem que ser resolvidas na negociação, que a greve tem que ser a última instância dessa negociação. A greve é um fracasso da negociação. Então nós, que acreditamos na negociação e no entendimento, temos que jogar tudo na negociação.

P. — Fazem-se muitas estatísticas a respeito de greves. A senhora tem uma idéia de quantas greves houve depois do Plano Cruzado, depois de 28 de fevereiro?

ALDA — Tenho um levantamento que nós, da Secretaria, fizemos. Nós acompanhamos, recebemos uma informação diária das greves que estão acontecendo, com o número de grevistas envolvidos. No meio urbano, tivemos após o Plano Cruzado 201 greves, envolvendo 101.217 trabalhadores e com 4.693 milhões de horas de trabalho paradas. No meio rural,

depois do Plano Cruzado tivemos cinco greves com 11.750 trabalhadores envolvidos e 398.800 horas paradas. Os movimentos revistas de funcionários públicos (porque nós tivemos aí essa novidade de os funcionários públicos entrarem firmes na questão da greve), depois do Plano Cruzado: 47 greves, com 39.742 trabalhadores parados e 1.535 milhão de horas paradas.